

## Maestros de si

### *Como o músico independente mostra seu talento e conquista seu espaço no mundo moderno*

*por Júlia Favero*

Um artista da música pode ser livre. São músicos que não dependem de nada nem ninguém, além de sua própria capacidade e conhecimento para realizar seu ofício. O necessário se resume a um estúdio pessoal e acesso à internet para disponibilizar seu trabalho na rede, atingindo seu público a partir da divulgação em plataformas que não dependem de contratos e burocracias. O sonho de todo artista é poder criar seu trabalho sem barreiras que o impeçam de ter o resultado final do jeito que imaginava.

O aumento do número de músicos independentes no mercado musical está diretamente relacionado ao crescimento da internet. Entrar em uma loja de CDs se tornou tão ultrapassado que raramente encontramos um estabelecimento voltado apenas para este fim. No mundo digital, os amantes da música têm acesso ao conteúdo que quiserem pelos serviços de transmissão, os chamados *streaming*, em que hoje predomina o Spotify. Esse serviço, que contava com meio milhão de assinantes pagantes em 2010, possui atualmente 30 milhões de clientes ouvindo suas músicas diretamente de seus aplicativos onde quer que estejam.

Artistas veem na internet um meio de propagar seu talento. É o caso de Julia Ramalho, que nasceu e cresceu cantando e tocando violão. Vindo da família, principalmente dos pais, o dom para a música se manifesta nos variados instrumentos que sabe tocar. A música está presente no seu dia, no seu quarto e na sua pele. A tatuagem de um gramofone como extensão de um coração estampa o antebraço direito. Hoje, aos 23 anos, utiliza o YouTube para divulgar *covers* de músicas populares que atraem o público jovem em um canal criado em dezembro de 2015, assim como fazem milhares de artistas pelo mundo. “Divulgando é que a galera vai conhecer e eu vou poder ganhar dinheiro com isso. Caímos naquele ditado, quem ama o que faz nunca vai precisar trabalhar”, afirma a idealizadora do projeto.

A conexão em rede permite um alcance muito maior para o músico amador que sonha em conquistar seu espaço e visibilidade. Gravar um CD e distribuí-lo nas ruas é muito mais trabalhoso e caro do que publicar seu conteúdo no YouTube ou outros meios de distribuição de áudio como o Soundcloud. Mas a história de Julia Ramalho não começou agora. Ela teve a ideia de gravar músicas em meados de 2005, quando tinha 12 anos. Os recursos utilizados refletiam um pouco da tecnologia do momento, e o passar do tempo colaborou para a melhoria na qualidade das gravações. Atualmente, as músicas são digitalizadas e processadas com equipamentos melhores. “A placa de som grava o que sai do instrumento através de um cabo direto no computador, por isso não tem ruídos e é bem melhor. Não é o ideal, mas é o máximo de qualidade que já atingimos.” Julia ganhou esse equipamento de seu pai, produtor musical que já gravou dois álbuns para um projeto próprio nos anos 90. Perfeccionista, ele fez questão de que sua filha aprendesse o melhor jeito de produzir uma música. Com isso, ela

tomou conhecimento de programas apropriados para as produções e desenvolveu um estilo próprio de criação.

Com uma banda formada por amigos e em evolução há mais de 10 anos, ela já tem diversas músicas autorais que estão salvas no computador no formato de mp3. Entretanto, ainda não tiveram a oportunidade e meios de produzir um álbum. Por isso, o canal é uma forma de divulgar seu estilo e alcançar um público interessado em acompanhar mais de suas músicas. Há ainda um plano em construção por trás do projeto, como conclui: “Os *covers* são um chamariz para as minhas próprias músicas. Se gostarem deles, vão ter interesse pelo que tenho original.” Os vídeos são postados semanalmente, e Julia já leva esse projeto muito mais a sério do que era no início quando estava aprendendo a produzir. Recebendo sempre um retorno positivo, pensa que demorou mais tempo do que devia para tentar uma carreira nesse meio. “A galera gosta, pede música, faz comentários positivos e incentivam a continuar. Os barzinhos de São Paulo nos convidam pra tocar e com isso recebemos um cachê.”

Cada dia de trabalho depende da renda ou do retorno conquistados pelo gosto da audiência. Com o público-alvo de algumas bandas sempre conectado, o músico autônomo tem ganhado cada vez mais espaço. André Santos, 24 anos, está prestes a se formar em arquitetura. No tempo livre, também é guitarrista e compositor da banda Gin, um grupo de São Paulo que tem ganhado muito reconhecimento e uma leal base de fãs nos últimos anos devido à massiva divulgação na internet. Com músicos se apropriando das novas mídias para divulgação, ele concorda que isso só tende a crescer: “Com certeza é o futuro, em pouco tempo a gente vai ter equipamentos pra gravar em casa na mesma qualidade que teria em um grande estúdio.” Ele acredita que no final, o que realmente importa é a essência da música que está ouvindo. Tendo trabalhado tanto em condições precárias quanto de última tecnologia, o bom material dependerá do talento de cada músico. Além da praticidade, o fato dos estúdios cobrarem preços altos pelas horas utilizadas resulta em que a melhor opção caia no clássico “aprenda você mesmo”. Já que não tinha dinheiro que pudesse investir em aulas, o guitarrista se esforçava do jeito que podia para aprender a tocar violão. André conta que morava em uma casa ao lado de uma escola de música, e todos os dias esperava os alunos saírem de suas aulas para pedir que o ensinassem qualquer coisa no violão.

Seja aquele que produz suas próprias músicas ou o que ainda conta com apoio de gravadoras independentes, os que sonham em fazer da música uma carreira não se limitam à qualquer dificuldade. A banda foi formada em 2008, possui um álbum gravado e em breve irão lançar os próximos trabalhos. Entre um café e outro, André relembra empolgado o início das gravações em estúdio com sua banda: “Eu escrevi uma música junto com o Gustavo, baterista, e a gente decidiu ver como seria gravar. Depois que gravamos achamos tão legal que queríamos muito continuar fazendo aquilo.” Sua iniciativa resume o que é ser um artista independente. A vontade de correr atrás do que fosse necessário foi o que abriu caminho para novas oportunidades. Depois da primeira vez, passaram a gravar em vários estúdios diferentes, conheceram pessoas influentes e também se tornaram conhecidos. A Gin não tinha uma visão *business* da música quando surgiu, com a única preocupação sendo compor músicas e tocar com os amigos, mas hoje André acredita que os negócios e a arte vão crescendo simultaneamente.

Existem músicos novos que surgem a partir da internet e músicos experientes que caminham para esse meio procurando algo novo. Giba Moojen é de Santa Catarina e mantém um dos maiores canais de *covers* do Brasil no YouTube. O produtor musical saiu de uma banda em que tocou por mais de dez anos, despediu-se de grandes shows e turnês para buscar e mostrar um lado diferente. O canal Nossa Toca, segundo Giba, “pediu para nascer.” Ele seleciona artistas do país inteiro para que possam criar algo juntos e o que ele espera disso tudo é que todos se divirtam e saiam do estúdio como pessoas e músicos melhores do que eram quando entraram. Os diferentes arranjos e adaptações nas produções feitos pelo Giba, em conjunto com o artista, são considerados uma tarefa difícil porém prazerosa. Após dois dias de trabalho, o vídeo enfim é gravado em uma casa de madeira em Balneário Camboriú.

“Música, vídeo, internet e pessoas.” Giba resume seu projeto nessas quatro palavras, ressaltando que a quantidade de visualizações e compartilhamentos em um *cover* serão consequência natural do curso das coisas. Os músicos convidados ganham reconhecimento e redirecionamento para seus projetos pessoais, e o Nossa Toca ainda recebe um retorno financeiro do YouTube. Há muitos anos no cenário musical, Giba não desenvolveu o canal pensando em ganhar dinheiro. Para André, no contexto de banda independente, é possível se sustentar somente com os ganhos da música, mesmo que não venham diretamente da internet: “Dá pra viver de música, fazendo shows mais vezes. A banda é um pequeno negócio, tem que investir. Mas você não tem segurança de um longo plano de carreira.”

Em 2014, pela primeira vez o número das vendas digitais e físicas do conteúdo musical se igualou em 46%, com os 8% restantes adquiridos por direitos autorais e licenças de revenda. O aumento da venda da música digital passou por um aumento de 6,9% durante esse ano, definitivo para a indústria fonográfica. A venda física ainda predominava em 2011, representando 60% da receita. Somente no primeiro semestre de 2015, houve no Brasil uma queda de 11,5% das vendas físicas. Com o mercado fonográfico se transformando de acordo com o mundo digital, é importante analisar a influência das produtoras nesse cenário. A queda das vendas de CDs e DVDs significa que o acesso ao material gravado se tornou mais comum a partir do download (ainda que ilegal) das músicas via internet, que representam 52% das vendas.

Segundo dados estimados pela Federação Internacional da Indústria Fonográfica (IFPI), a pirataria é praticada com alguma frequência por 20% dos usuários da internet em computadores. Apesar de ser considerada uma ameaça para a indústria musical, não podemos deixar de considerar os downloads ilegais como mais uma forma de divulgação e propagação de artistas. O que tem acontecido com frequência, entre músicos amadores ou profissionais, é a disponibilização gratuita de álbuns completos para download na internet. O conceito de gravadora, como existia antigamente, perdeu o significado. “Hoje em dia as gravadoras, ou os meios de comunicação que ‘lançam’ novos artistas, são o próprio YouTube, Spotify, Facebook... Existem milhares de maneiras de chamar a atenção do público assim como existia anos atrás”, explica Giba Moojen sobre a renovação da música. Julia Ramalho acredita que esse é o futuro: “Ninguém mais compra CD, disponibilizar aumenta muito mais o alcance do trabalho. Pro pessoal que não tem grana sobrando, eu acho bom tanto pros artistas quanto pros fãs que vão ter acesso ao conteúdo original.” Na mesma linha de pensamento, André

acredita na reformulação da música como negócio. “O mercado muda e não existe mais o monopólio da música. Eles conseguem ganhar dinheiro de outra forma, fazendo show, dá um jeito. É muito mais acessível e se você for uma banda grande ainda tem retorno financeiro maior [com receita do YouTube e Spotify]. É mais democrático.”, conclui o guitarrista.

O tempo mudou a maneira de produzir música. Mudou os músicos e os ouvintes. O que funcionava no passado hoje já está ultrapassado, e as inovações tecnológicas tendem a dominar o mercado musical. O público também se renova, e torna-se uma variável importante nessa fórmula, pois são aqueles que movimentam o mercado. Daqui em diante, André pretende seguir focado nos projetos da banda, buscando as conquistas naturalmente como sempre foi para que continuem acontecendo. Dessa maneira, o artista simplesmente precisa se adequar ao contexto em que vive, encontrando a melhor maneira de se destacar, se esse for seu objetivo. Propagando a arte como carreira ou por prazer, os músicos que se tornam maestros de si mesmos estarão presentes onde quer que seja a vez de seu espaço. “A única diferença hoje em dia é o nome do ‘jogo’, mas o ‘jogo’ em si é o mesmo: aparecer com sua arte no meio de uma multidão de artistas”, sintetiza Giba.